

## Tradução do Texto da Revista *Terpsichore* (Dinamarca)

# Uma visita ao CDO - Centro de Dança de Oeiras

22.11.2010 por Maria Iben Hammer

António Laginha. Foto: Sophia Hammer

### ENTREVISTA

**António Laginha é um homem entusiasta e enérgico, com um currículo tão sólido como a muralha da China. Bailarino, coreógrafo e fundador da escola de dança, CDO.**

**O Centro de Dança de Oeiras, é apenas o topo de uma lista, que contém outras actividades como escritor, produtor e professor - tudo com a dança como fulcro. A dança é simplesmente o que este homem apaixonante e apaixonado tem de melhor e por isso fomos ter com ele.**

Se a estrada é um fim em si, então a viagem no eléctrico n.º 15E, da Praça da Figueira em Lisboa ao *terminus* em Algés, é uma boa experiência. Com palmeiras no litoral, passando por uma faixa de museus (o Museu do Oriente, entre outros, para além da zona histórica de Belém) muito belas casas com telhas e Madonnas nas janelas, seguem-se os trilhos até o Palácio Cultural de Ribamar. Aí, António Laginha, um antigo bailarino do Ballet Gulbenkian e da CNB e agora escritor, dirige a sua própria escola.

### **Escola e Revista da Dança**

António Laginha começa por mostrar-nos a finamente decorada escola, que é uma espécie de casa da dança onde os mais diversos estilos estão representados. Podem-se aprender dança clássica e moderna, para além de estilos mais exóticos como a dança oriental, a indiana, o flamenco, a dança cigana e as da América Latina - além de hip hop, ioga, Pilates e outras técnicas. Na aconchegante sala da biblioteca, podem-se ler, entre muitas outras coisas, todas as edições impressas da Revista da Dança. A única revista da especialidade em Portugal e que agora está disponível para todo o mundo na Internet. Este é outro dos amores de António Laginha.

Ele conta-nos a curiosa e engraçada história de um antigo embaixador português em Cuba que se casou com uma bailarina argentina. Quando regressou a Portugal de vez começou a publicar uma revista, que há muito acabou. O seu interesse pela dança e por ela era tão grande que ele ainda hoje refere que tinha uma esposa... e uma amante - ou seja, revista de dança. Com esta segunda gastou mais dinheiro do que com a esposa. Entre 1982 e 1987 António Laginha, viveu em Nova Iorque. Aí estudou e assistiu a uma enorme quantidade de espectáculos e performances. Em 1986 escreveu e mandou para Lisboa as primeiras letras sobre coisas que tinha testemunhado em palco. As cartas que enviou a uma amiga, acabaram impressas num diário e depois em alguns dos melhores jornais do país. E, assim, surgiu a sua intensa actividade de jornalista de dança.

## **O orgulho da Nação**

Particularmente orgulhoso da dança portuguesa e do acervo histórico e documental que possui, ele tem na mão as sementes de um verdadeiro Museu de Dança, com o qual, há muito sonha. Entre os desenhos de figurinos, recortes de imprensa, programas, cartazes e muitas fotografias – numa, António Laginha, aparece fotografado ao lado de Maurice Béjart e de um primo também bailarino - encontra-se um pequeno tesouro: mais de quarenta anos de valiosa documentação sobre o Ballet Gulbenkian. Quando se evocam tantas emoções nele vividas, o artista não deixa de mostrar a sua indignação com o que chama de "assassinato da bela companhia da Gulbenkian".

Ainda se lembra do choque da notícia, tal como os bailarinos e seguidores do BG, quando souberam que alguém, de repente, decidiu dismantelar um dos orgulhos da nação!

António Laginha viaja muito para poder seguir o que acontece na dança de outros países. Ele lembra o festival de Montpellier e a Bienal de Lyon, que já tem 30 anos e é a melhor da Europa. De Lyon veio, há uns anos, ao CDO um enviado especial para entrevistar António Laginha, enquanto foram outros para mais quatro cidades diferentes falar com jornalistas familiares no evento. E as perguntas foram simples: do que se orgulha? o que falta? o que acontece? Portanto, ele é alguém que, desde há muito, tem vindo a reflectir sobre o tema e, por isso, as minhas perguntas foram respondidas com naturalidade e convicção começando por nos dizer que Portugal, cuja história como nação tem a sua origem em 1143 e é, portanto, uma das mais antigas do mundo, possui um longo e sólido historial de dança folclórica. "O que nós não fomos bons foi a desenvolver e preservar as tradições da dança teatral europeia nem as nossas próprias. Talvez por isso tem sido fácil para alguns quebrar com as formas mais 'tradicionais'. E é, certamente, por isso que possuímos, realmente, alguns bons artistas avant-garde", afirmou Laginha.

## **A tradição da dança folclórica**

Aqui ele dá dois exemplos de artistas que se têm projectado no exterior. O jovem Daniel Cardoso, que tem talento e dançou muito fora, mas que enveredou por um trabalho baseado numa determinada técnica, e em Vera Mantero, que pensa ser uma coreógrafa muito criativa e, sobretudo, inovadora em Portugal. Ela tem uma forma de trabalhar muito peculiar, só é pena que algumas vezes prefira balançar-se entre o falar e o cantar! Desde o passado que temos em Portugal um dos teatros mais bonitos do mundo, o Teatro Nacional São Carlos, onde, entre outras coisas, podemos encontrar "reminiscências" de Bournonville, mas nunca houve estrelas portuguesas no período romântico. Nessa época o povo Português já tinha tradição em dança folclórica. "O Flamenco em Espanha tem sido uma enorme força motriz, mas, tal como os nossos vizinhos, temos um grande problema de fundo, porque, para os políticos em Portugal a dança não faz parte das suas prioridades e, por conseguinte, temos sofrido com muito más decisões. O Ballet Gulbenkian, como já foi mencionado, foi friamente aniquilado em 2005, e a Companhia Nacional de Bailado (CNB) está mal organizada e tem sido muito mal gerida", afirma ele.

Em Portugal há muitos pequenos projectos, mas há poucas companhias, e a maioria deles estão cada vez mais interessados na não-dança. "Até porque a dança é, infelizmente, ainda considerada por alguns uma forma de arte inferiorizada e não há, realmente, quem nos quer ouvir", acrescenta.

### **Pelo amor da dança**

António Laginha, explica que o Ministério da Cultura subsidia o Ballet Nacional (CNB) e pequenos “grupos”, muitos dos quais constituídos por uma única pessoa (um coreógrafo-bailarino) mas poucos, como ele, que têm seus próprios projectos, basicamente, trabalham “pelo amor à dança” pois não conseguem obter qualquer apoio. Apesar de estar desiludido com a maneira como o Ministério da Cultura apoia mais quem não dança do que os que se preocupam com o movimento, não pensa desistir. Hoje é difícil encontrar um coreógrafo, digno desse nome, que seja uma referência, embora haja muita gente a fazer coisas... Existem teatros – alguns municipais – que procuram coreógrafos talentosos como Olga Roriz, que estreou uma nova produção de “Le Sacre du Printemps”, depois de estar “em residência” no CCB, Centro Cultural de Belém.

Ele acha triste que uma homenagem nacional ao I Centenário dos Ballets Russes fosse, modestamente, realizada no palácio onde está o CDO e, só um ano depois, no Ballet Nacional, onde, na verdade, deveria ter sido exemplarmente celebrado. António Laginha, para essa efeméride, organizou uma Conferência e uma Exposição, sem qualquer apoio. Como é o caso da revista de dança, que ele faz e paga do seu próprio bolso, porque, caso contrário, “não existiria”, como diz. Apesar das dificuldades, ele luta para continuar em frente, tal como grupos como a Amálgama, companhia de dança que realiza em Portugal espectáculos, maioritariamente, em velhos monumentos nacionais. “É um dos melhores projectos de dança que conheço e essas pessoas têm feito boas criações com poucos meios.”

### **Por sugestão de António Laginha**

Aqui termina a conversa com o Sr. Laginha que, muito sincera e calorosamente, nos diz adeus e para, definitivamente, não deixarmos de parar em Belém na viagem de volta. Prometemos que sim. E retemos as imagens do Mosteiro dos Jerónimos e dos grelhados de peixe no restaurante onde o dono parece um velho marinheiro com uma filha bonita e uma agradável cozinheira vestida de preto. Os polícias passeiam-se fora da esquadra e tudo respira paz e tranquilidade, mesmo com a escuridão precoce a cair sobre as janelas e azulejos do Café Pastéis de Belém, datado de 1835. Na sala maior sente-se o aroma fresco de limão e de brandy português, enquanto os empregados mostram pressa em trazer às mesas os famosos Pastéis de Nata (bolos de creme). E nós seguimos o exemplo dos portugueses polvilhando açúcar de confeiteiro e canela sobre o aromático pastel de nata.

### **António Laginha**

António Laginha nasceu no Algarve e é bailarino, professor, coreógrafo, jornalista e director da escola de dança CDO, Centro de Dança de Oeiras

Info: <http://www.cdo.com.pt/> e da Revista de Dança: <http://www.revistadedanca.com/>

Estudou arquitectura e artes e tem vindo a trabalhar como jornalista. Estudou no Conservatório Nacional e nos cursos do Ballet Gulbenkian, em Lisboa, e na Juillard School, em Nova York e está a escrever uma tese de Doutoramento sobre o extinto Ballet Gulbenkian (BG).

Dançou no BG e na Companhia Nacional de Bailado e foi co-fundador e professor da Companhia de Dança de Lisboa. Entre outras a que o nome do Sr. Laginha pode ser associado estão, nos EUA, o Lincoln Center Touring Programa, o Westchester Teatro de Dança e a Companhia de Dança de Delaware.